

A SEÇÃO É RESPONSÁVEL PELA DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE ENGENHARIA PRODUZIDO NA MAIOR ÁREA ECONÔMICA DO PAÍS.

QUATRO DÉCADAS DE SUL-BRASIL

POR HELENA DIAS E LUCAS RIBEIRO

Na década de 60, era comum haver somente uma seção do IEEE por país, com exceção dos Estados Unidos. O Brasil, porém, encontrava dificuldades para reunir os muitos engenheiros do país, devido ao seu tamanho. O contato entre os profissionais de todos os estados era bastante difícil; além disso, havia uma grande concentração da produção tecnológica em alguns estados, como São Paulo. A revista *Spectrum*, no entanto, era lida por engenheiros de todo o país e levou pessoas de outros estados a conhecer o Instituto. Assim, em 1966, Carlos Alberto J. Lohmann, junto de Luis Ernesto Quintino, José Roberto

Lacerda e Augustin L. Woelz, fundou a Seção São Paulo, a terceira do país.

No começo, essa seção contava com poucos membros, a grande maioria vinda da empresa Light, que incentivava a presença nas reuniões. Isso foi essencial para que a seção se fixasse, pois garantia que qualquer atividade realizada pelo IEEE São Paulo teria público. Assim, era possível convidar grandes nomes da engenharia para ministrar palestras sem correr o risco de ser um fiasco. Esses encontros ganharam renome devido à sua qualidade, o que passou a atrair público de outras empresas, permitindo uma ampliação do número de membros da seção.

Outro fator que garantia público nos encontros eram os temas: sempre se buscava tratar de assuntos que estivessem em foco no momento e que permitissem o debate; assim, o interesse dos engenheiros em participar era maior. Isso também permitia aumentar cada vez mais a qualidade das reuniões e chamar palestrantes de mais renome.

Os estudantes participaram da Seção desde o seu início. Um exemplo disso é o engenheiro José Alceu Brasil Falleiros, que presenciou a reunião de inauguração enquanto estudante. Ele participa do Instituto desde então, o que mostra a continuidade da participação dos membros

que iniciam sua vida no IEEE ainda na graduação.

Um problema que surgiu com a fundação dessa seção foi exatamente o fato de o Brasil ter três seções: a presidência internacional do IEEE não aceitava e queria unificá-las. Isso foi resolvido com a criação de um Conselho Brasileiro do IEEE, que centralizava as decisões a serem tomadas em conjunto, mas permitia que as seções continuassem a funcionar em separado, pois haveria problemas de transporte e contato caso a união realmente acontecesse, o que acabaria por desanimar os membros. Com este impasse resolvido, a seção começou a crescer em grande escala e assim tem sido até hoje.

Inauguração da Seção São Paulo, futuramente renomeada para Sul-Brasil, na Usina Hidroelétrica Henry Borden.



As reuniões do IEEE sempre estavam em sintonia com temas de vanguarda e grandes acontecimentos da região. Na reunião de dezembro de 1967, por exemplo, o engenheiro Alberto Pereira Rodrigues, membro executivo da Comissão do Metropolitano de São Paulo, ministrou palestra sobre os estudos e as perspectivas de construção do metrô na cidade de São Paulo. Nessa época o assunto ainda estava em discussão, sendo que as obras foram iniciadas apenas um ano depois, em 14 de dezembro de 1968.

No mesmo ano, o Brasil discutia a transmissão de televisão a cores, pois o CONTEL (Conselho de Telecomunicações) iria decidir qual sistema seria adotado pelo país, o alemão (PAL) ou o norte-americano (NTSC). Em dezembro desse ano, a reunião mensal da Seção Sul-Brasil do IEEE trouxe o engenheiro alemão Walter Bruch, criador do sistema PAL de transmissão a cores, que passava pelo Brasil em reuniões da CITEL (Comissão Interamericana de Telecomunicações). Ele ministrou

uma palestra aos membros da seção no Departamento de Eletricidade da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, com projeção de slides e apresentação de materiais trazidos para as reuniões supracitadas. Esse encontro permitiu aos membros do IEEE compreender o assunto com o auxílio de uma autoridade internacional para que pudessem participar das discussões no país.

Em 1969, houve um encontro de toda a região Latino-Americana no Terraço Itália, em São Paulo, organizado pela Embratel, que ainda era uma empresa pequena. Em 1974, houve a primeira LatinCom (Conferência Latina), no Anhembi, um encontro de enormes proporções. A seção começava a sediar eventos internacionais do Instituto, costume que passou a ocorrer cada vez com maior frequência.

Um problema que a seção enfrentou desde o seu início foi em relação ao pagamento das taxas dos membros. Como elas deveriam ir para a sede nos Estados Unidos,



Alberto Rodrigues e a diretoria, após palestra sobre o metrô em São Paulo

existia muita burocracia, e algumas vezes o dinheiro ficava retido, o que atrapalhava o funcionamento. Mas isso durou apenas até a década de 80. Hoje em dia, os membros fazem os pagamentos sem qualquer tipo de problema e recebem todas as publicações e materiais previstos.

PRÓXIMOS PASSOS

Atualmente, o desenvolvimento do Instituto é acentuado, principalmente nos países emergentes. Há cerca de vinte anos, os pólos de tecnologia migraram e vêm se con-

centrando principalmente na Ásia. A transformação associada à evolução das tecnologias e seus pólos na última década também foi responsável por uma mudança de estrutura; assim, o crescimento em regiões como a Ásia e a América Latina foi nitidamente maior do que em países como os Estados Unidos, onde as bases do Instituto já estão mais consolidadas.

O Brasil e o México são tidos como países de vanguarda no bloco latino-americano, pois estão em extremo crescimento tecnológico. Entretanto-

to, o trabalho de atuação do IEEE ainda não foi completamente implementado. O futuro presidente do Instituto, o professor Alessio Borelli, diz que “hoje a seção está muito voltada ao mundo acadêmico”. Ele pretende aumentar o relacionamento com as indústrias e com outras organizações. Dentre as iniciativas, aponta possíveis convênios com instituições do porte do CREA (Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia) e do Instituto de Engenharia. Borelli também afirma que essa integração seria benéfica para todos, já que as instituições não são concorrentes e visam um mesmo objetivo, que é o aperfeiçoamento do profissional.

O futuro presidente também ressalva a continuidade do fortalecimento do Ramo Estudantil como um ponto importante. Afirma que “[os estudantes] têm vontade de participar e se dedicam bastante”. Além disso, o engenheiro explica que o fato de se afiliar ao Ramo Estudantil ajuda o aluno na sua formação acadêmica. O engajamen-

to induz a leituras em inglês e espanhol, familiarizando, assim, o indivíduo com o vocabulário técnico destas. O atual presidente do Instituto, o Dr. Emilio Del Moral Hernandez, revela que, “nos anos recentes, nós [do IEEE] tivemos um grande crescimento da participação dos estudantes e na formação de novos Ramos Estudantis bastante ativos”.

ENCONTROS

Outra perspectiva para a próxima gestão é uma maior divulgação, visando o crescimento de outros ramos do Instituto. O IEEE tem uma infra-estrutura ainda pouco explorada, além de condições de fornecer inúmeros recursos técnicos e palestrantes de alto nível. Por isso, há planos para novos eventos locais, além do aumento da divulgação dos encontros que já ocorrem para que possam crescer ainda mais. Os eventos internacionais também são muito relevantes, mas não figuram entre os mais acessíveis. Portanto, é muito interessante para os membros que ocorram versões latinas,

principalmente dos eventos norte-americanos.

Entre esses eventos, alguns já vêm sendo realizados com sucesso. É o caso da T&D América Latina – Conferência Latino-Americana em Transmissão e Distribuição de Energia Elétrica – que foi realizada em 2002 e 2004 e da ESW BRASIL – Seminário Internacional da Engenharia Elétrica na Segurança do Trabalho –, que teve edições em 2003 e 2005.

A organização de eventos depende da contribuição de voluntários; desse modo, a adesão de mais pessoas é outra meta a ser alcançada. Há duas formas de se tornar membro da família IEEE: a associação ao Instituto ou o trabalho voluntário. Ambas as condições são independentes e não excludentes. “Mesmo que não ocupem um cargo oficial, os voluntários conseguem se integrar nas atividades do capítulo”, ressalta Hernandez. Borelli, porém, chama atenção ao comprometimento necessário: “Ser voluntário é muito importante, mas é um trabalho que exige dedicação.

Muitos membros alegam que não têm tempo de fazer trabalho voluntário devido às atribuições de seus serviços e principalmente dos estudos, mas é nessa hora que ser voluntário é mais importante”.

MEMBROS DA SEÇÃO

Além dos voluntários, que dão uma dinâmica especial às atividades da Seção, não se pode esquecer dos membros que, auxiliados pelas ferramentas que o IEEE coloca à sua disposição, promovem o desenvolvimento da engenharia elétrica no país, nem de outros membros ilustres que, além de utilizarem estas ferramentas, constroem novas, como o Prof. Dr. José Antonio Jardini, Dr. José Sidnei Colombo Martini, Clovis Goldemberg e tantos outros que dignificam a Seção pelas suas atividades educativas e profissionais.

Dentre estes membros ilustres não podemos deixar de mencionar aquele que tem contribuído vigorosamente para o ensino da engenharia elétrica no país e que, recentemente, foi homenageado

em um artigo eletrônico do *IEEE The Institute* – trata-se do *Fellow Member* Prof. Dr. Luis de Queiroz Orsini, professor emérito da Universidade de São Paulo, que nos seus 60 anos de profissão já formou cerca de 4.000 alunos e inspirou várias gerações.

Ele teve um papel-chave na modernização do ensino da engenharia elétrica no Brasil ao criar novos laboratórios, escrever livros e publicações de referência nacional.

Conhecido carinhosamente pelos seus alunos como *Mega Mestre*, ele permanece incansável no ensino da engenharia elétrica.

PREMIAÇÕES

Os voluntários e apoiadores costumam ter o reconhecimento de seu esforço e dedicação por meio de premiações, que também servem para reconhecer os profissionais e identificar líderes. São concedidos prêmios profissionais e educacionais e, para tanto, é necessário que o indivíduo ou instituição concorrente preencha alguns requisitos

pré-determinados pela sede nos Estados Unidos.

A seção Sul-Brasil intermediou alguns prêmios bem recentes para seus contribuidores. Em 23 de agosto deste ano, o Dr. José Sidnei Colombo Martini, professor da Escola Politécnica da USP e Presidente da CTEEP (Companhia de Transmissão de Energia Elétrica Paulista), conquistou o *Engineering Management Educator of the Year Award*. Trata-se de um prêmio oferecido anualmente pela *Engineering Management Society* do IEEE ao profissional destaque, membro ou não do Instituto, na Gestão da Educação voltada à Administração da Engenharia. No caso do professor Martini, o reconhecimento se deve à aplicação empresarial das experiências de 30 anos de magistério na USP em uma empresa de grande porte, a CTEEP. Esse é um reconhecimento de abrangência mundial e premia, no máximo, um profissional por ano. São prêmios bastante exigentes; caso não haja candidatos que preencham os pré-requisitos, por

exemplo, a comissão se reserva o direito de não indicar o ganhador.

São avaliadas as contribuições evidenciadas no currículo dos candidatos e a comprovação do sucesso das iniciativas por eles conduzidas, entre outros quesitos. Dessa forma, a conquista do título por um brasileiro revela o potencial de linha de frente que o país tem, já que não lida apenas com materiais de valor primário. Além do mais, a premiação evidencia que basta um pouco de persistência e boa vontade para que o país se desenvolva cada vez mais e alcance altos níveis na escala científico-social.

As premiações costumam constar de uma cerimônia na qual são prestadas homenagens, cedidas placas e, às vezes, conferido um prêmio em dinheiro. Normalmente, a cerimônia acontece durante algum evento técnico importante do IEEE, podendo ser um evento nacional ou internacional. Entre os premiados em outros eventos, destacam-se José Antonio

Jardini, Ciro Boccuzzi e a Escola Politécnica, quando ainda era dirigida pelo professor Vahan Agopyan.

Como projeção futura também se espera a expansão da Seção Sul-Brasil do IEEE. Isso se daria por meio do aumento do número de integrantes ativos, principalmente em regiões distantes do centro metropolitano de São Paulo. Alguns capítulos técnicos já foram estruturados fora do ambiente paulistano. Esse é o caso de dois em Santa Catarina e um em formação no Rio Grande do Sul.

Em Santa Catarina, um dos capítulos tem cerca de 15 anos e um segundo foi formado recentemente. Trata-se de um capítulo conjunto, que envolve várias sociedades. No Rio Grande do Sul, o capítulo a ser formado é relativo à Sociedade de Circuitos e Sistemas.

As expectativas apontam um crescimento contínuo e constante do Instituto, que, em apenas 40 anos, se tornou um expoente da engenharia elétrica e eletrônica em sua Seção Sul-Brasil.